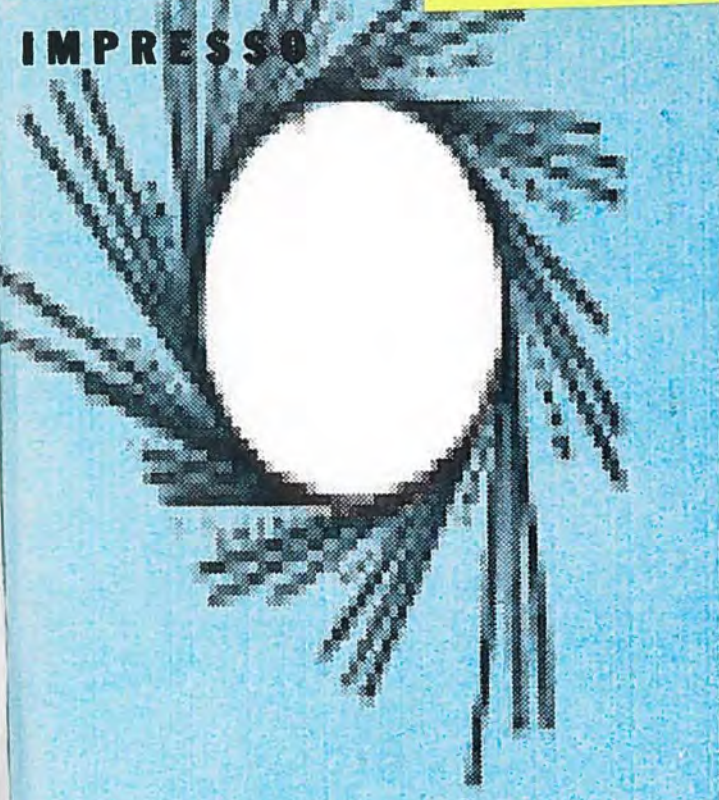


CONTRATO Nº 3956/91
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA DF
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

IMPRESSO



Biblioteca/CLDF

DF
LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO III

Nº 29/30

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL



Graciliano Ramos e Rosário Fusco

**A ESCRITA DA
ANGÚSTIA**

Rosário Fusco ©

© 1927

A FALTA QUE FUSCO FAZ



Peniel Pacheco
(PSDB)

A literatura é um dos instrumentos de maior importância para a formação da cultura de um povo, em diversos segmentos, como o religioso, que tem nas letras um dos seus mais fortes pilares. Prova disso é que a Bíblia Sagrada, o primeiro livro a ser impresso após a invenção do prelo, é, indiscutivelmente, o mais traduzido. No todo ou em parte, já atingiu 2.123 idiomas. E, até hoje, continua sendo o livro mais lido em todo o mundo, capaz de romper várias barreiras culturais.



José Edmar Cordeiro
(PSDB)

Aos poucos nossos jovens começam a retomar a cultura do civismo. Pintaram em seus rostos as cores da bandeira, colocaram nas ruas a alegria de amar o país em que vivem. A lei de minha autoria que institui o Momento Cívico nas escolas é mais uma contribuição para resgatar a autoestima e a consciência patriótica de nossa população. Cantar o Hino Nacional nas escolas não pode ser considerado sinônimo de autoritarismo, mas símbolo do renascimento brasileiro, pois as pessoas se olham com mais respeito e orgulho.



□ **José Santiago Naud**

Antes humana que urbana, foi sempre assim minha relação com Cataguases, tal qual ocorre com outras cidades mineiras - por exemplo: Diamantina ou São Tomé das Letras. Se lá não fui, é como se houvesse estado, tanto as concheço ou pulsam em mim entre cabeça e peito, referências circulares do que realmente importa na geografia espantosa deste país.

Cingindo-me a Cataguases, diria que ela me chegou faz muito, via pessoal, antes mesmo de eu ter acertado com a vigência do Modernismo. Adolescente (ou *teenager*, conforme expressão gringa ou os "doidjões" do pedaço), ainda mal ouvira o nome de Mário de Andrade, referido escassamente, mesmo pelos que mais sabiam dele, como "aquele moço escritor de São Paulo" com vagos títulos ou artigos escandalosos. Soube então de Cataguases. Foi numa tertúlia de jovens considerados por um doutri-

nador integralista, Jaime de nome, nordestino arretado do sertão de Ouricuri, autodidata ativo que aprendera lendo à luz do luar. Um pedagogo nato, "causeur" irresistível, encadernador primoroso e artesão autêntico. Era diretor do Instituto Parobé, supimpa liceu de ofícios fronteiro à Faculdade de Medicina porto-alegrense. Lá, Rosário Fusco precedeu a revista e sua própria cidade do interior. Só depois li guei o nome a Cataguases, mediante as luzes do Guilhermino César, mais conhecido via oficial como auxiliar do interventor Ernesto Dorneles. E foi de novo o inquieto Guilhermino quem, nos meus primórdios acadêmicos, viria a esclarecer os quilates do auriverde valor de sua província, confirmado familiarmente em sua casa (uma das primeiras moradias de partido moderno em Porto Alegre, com janelas basculantes, treliça e combogó) na tarja colorida daquela revista mensal

de arte e cultura, que nós podíamos folhear ao resplendor da descoberta e humildade quase religiosa. Quando no pós-guerra, já em companhia de gente consular das França e Alemanhas podíamos libar pelas cervejarias a paz cultural do sentimento artístico, bem além da azáfama burocrática ou das delícias didáticas da Alliance Française ou do Goethe Institut confraternizamos a boemia culta e o orgulho nacional, enrolados no manto protetor das benditas renovações brasileiras. Cataguases aí, como pedra-de-toque, configurava precedências e origem. Sob a chuva do entusiasmo ou das condenações, foi de fato um milagre capaz de conciliar o inconciliável, se ainda vale crer na voz estrangeira firmada em isenção. Pois, à ousadia daquele novo prefeito diamantino pondo de pé a Pampulha, antecipava-se a cidadezinha interiorana e a sua revista jovem, antevisão do sólido proposto na edificação de

certa escola assim de magnífica, municipal, revolucionária, com a soma de um painel do nosso pintor mais universal. Tudo fiel da terra e suas raízes, contra misérrimas físicas ou morais e a inteligência posta a serviço da empresa em lucros restituídos pelo social. Assim, remotamente no extremo Sul, com Cataguases e a Pampulha vinha passar por nosso goto o sabor delicioso dos primeiros aplausos europeus. Mais tarde, com a transferência a Brasília onde cheguei como pioneiro, de novo Cataguases. Na aridez e solidão daqueles anos, entre umas poucas dezenas de docentes e poucos centos de alunos, avultou a companhia de uma colega, duplamente: poetisa e professora. Lina Tâmega del Peloso, casada com um dos primeiros arquitetos da Nova Capital, também casava sua ascendência lusa com as luzes do futuro. Dessa força ou deste descortínio arrancava a consciência acesa, palpável no justo valor com que nos distribuía os ouros de sua "Meia-Pataca". Quantas vezes juntos não discorremos sobre uns quantos equívocos da cidade nova e sua gerência inepta, os meios de preveni-los, só agora voz corrente ou estorvo inarredável. O rigor crítico da amiga era flor nativa e o seu cultivo exalava a precisão e beleza exercidas na profissão do marido, fazendo-me lembrar as agudas lições do Quilhermino ou as broncas bráslicas da "Verde". Hoje, quando a Capital padece dos inchaços cancerosos de uma civilização perversa e administrações inseqüentes, agravados pelo imediatismo, macaqueice, ambições corporativas, anticultura e até venalidade da famigerada mídia, outra vez encontro Cataguases na curva do caminho, personalizada no poeta Ronaldo Cagiano, um dos

moços que honram o suceder das gerações e, assim criativamente, vem com outros companheiros contestando ou corrigindo tais situações. Pergunto-me então se não será tal acidez crítica, sempre a confrontar "ases de Cataguases" com a cidadinha, na expressão do Mário, pergunto-me se não será esta bendita acidez o mel que resgata uma pátria devoluta. E ante a perspectiva penso exatamente no Rosário Fusco, diletíssimo, um raio e um clarão rasgando a minha ignorância dos verdes anos.

Grande crítico, escritor maior, perduram seus textos o contexto de uma fatal referência, vívida e viva. Não tenho mais entre os meus livros a obra preciosa, pois num ataque de generosidade foi-se com outros títulos da primeira hora modernista para uma biblioteca pública do interior gaúcho, e nunca mais pude saber se ainda lá se encontram. Entretanto permaneceu a memória dos seus juízos, sua força, a claridade candente de quanto escrevia, e devo certificar que a sua linguagem foi para mim a prova dinâmica do português brasileiro. Chego a crer que as suas convicções integralistas tenham vindo a prejudicar a isenção com que deveria ser lido e, só agora me informam, as peculiaridades ou dramas que abateram sua vida continuam tropeços ao critério exato que deve presidir o exame da sua verdadeira dimensão, superior ao mero enquadramento. Francamente, nada justifica o preconceito nem a patrulha política lindeira à mesquinhhez. Por quanto guardei do tanto que alcancei ler dele, continuará como guia a inteligência assombrosa de todo o seu desassombro, a informação multifária - artes na Arte. Amplo cultor do espírito, ele sempre arrancou do particular ao geral. Neles baseou o universal, como resgate da autonomia idiomática, em língua desenvol-

ta ao jeito novo de dizer o que o tempo não murcha. Com outro ensaísta, igualmente esquecido - Almir de Andrade, será um dos mestres modernos indiscutíveis de nossa identidade. Incomparável, na capacidade com que abriu as cancelas do país, esses entraves da pátria madrasta muito amada e bem criticada. Mais um traço taxante é a empatia de estilo, densidades fluindo o ritmo de tambores noturnos, algo espesso e volátil, visível e invisível, conciliação do contraditório que ia firmando o compasso da leitura com movimento de entranhas, tal sensualidade que muito mais tarde eu fui encontrar na Bahia e é o modo mágico de modular-nos a todos pela efusão e o fraterno. Estranho portanto se tais discriminações chegaram a amarrá-lo na roda ideológica, muito embora o mesmo pecado de lesa-cultura tenha imposto sacrifício igual a tantos outros autores de qualquer modo essenciais ao Modernismo brasileiro, todos visceralmente preocupados com a solução nacional, muito diferente das modernidades equívocas que ensombram nossos dias. Sinto-me livre para falar assim, pois cheguei à capital gaúcha desde a área missioneira, menino embalado pelo Realismo luso-brasileiro do meu pai, quem, para escândalo dos tacanhos, temperava convicções de um socialismo utópico na reverência científica a teses de Alan Kardec, então execrado como energúmeno pela estreiteza dominante. Não me escandalizou por isso ter encontrado na capital provinciana os grupos divididos, nem via por que ligar-se a alguns condenando os outros. Arejado nas janelas abertas de uma escola pública sem favor extraordinária - o Colégio Estadual Júlio de Castilhos, sem o risco de antolhos ou tapa-olhos integrei a marcha dos protestos, quer invocassem a

tradição ou vociferassem que "o petróleo é nosso", diluído hoje com outras prioridades nacionais em águas de um neo-liberalismo suicida. Ainda convencido de que o nosso caminho não pode andar às tontas pela direita ou a esquerda, tampouco enredar-se no calhorda centrista, também estou certo de que o pensar de Rosário Fusco, que refletiu sobre o país de dentro para fora ou por cima e por baixo, me ajudou bastante a firmar posições. O que nele se patenteava era a forte evidência da realidade nacional, com o mundo lá fora pronto a nos incluir. E sobretudo valia a independência da própria identidade, compromisso do concreto em vôo livre e imune aos extremismos destrutivos. Esteticamente, não via razão na divisão das artes, todas manifestação de algo mais alto conferido ao espírito do homem, único fenômeno capaz de harmonizar nossas disparidades na imagem ou no som da voz unívoca. Aprendi com ele também o apelo do escritor ante a transparência e as densidades, a diferença entre idéia e ideologias, por isso a necessidade de acerrar um quadro ou um poema, a página de música ou o dado histórico, fazendo da teoria aquilo que ela mesma por definição etimológica deve ser: VER, no aberto. Só mais tarde, em livros de Tristão de Athayde, Sérgio Buarque de Hollanda, o Manuel Bandeira de **Apresentação da Poesia Brasileira** ou do **Itinerário de Pasárgada**, além obviamente do Mário e uns quantos críticos mais, que iluminaram a minha busca modernista sem os jargões mais de uma vez equívocos da atual miscelânea pedante, só mais tarde conferi literal e literariamente a precisão de Rosário Fusco, nos seus acertos despejados do rancor ou do servilismo. E foi por ele que, muito antes, cheguei à liberdade equân-



Marcos Arruda
(PSDB)

O livro é tão fundamental para a humanidade que serve como sua memória e, conseqüentemente, como base de sua história. O livro é e sempre será o principal veículo de aprendizado. Portanto, é de fundamental importância que uma nação, por intermédio de seus governos, observe sempre a questão da criação de bibliotecas, com seus respectivos acervos, além de facilitar a leitura para a população mais carente que não tem acesso à cultura.



Eurípedes Camargo
(PT)

Popularizar o acesso ao livro e democratizar seu conteúdo são dois alvos que um governo sério deve perseguir no Brasil. Tal como o jamaíca, o livro é produto quase inacessível à população de baixa renda. É preciso incentivar a leitura de livros por meio das bibliotecas escolares e comunitárias, investir nos autores nacionais já consagrados e propiciar o surgimento de novos poetas e escritores. A par disso, deve-se trazer o livro para a situação concreta de cada cidadão de tal modo que este o veja como um instrumento na busca do conhecimento de si próprio e de sua realidade.

me de ler contente os nossos autores de ambas as margens do rio, preservando-me interiormente o direito à terceira. Apenas isso tornaria urgente no meu entender a reedição de sua obra, porque em sua consciência autores como ele fazem muita falta na bibliografia nacional.

Desde a universitária Yale, o crítico e professor Harold Bloom desenvolveu uma investigação literária criativa e extensa em torno do "cânone ocidental". Qualificando-o por eras que chamou de aristocrática e democrática, em nossos dias configura o castigado e extraviado numa Era do Caos. Conosco, o paulista Cassiano Nunes recusa pôr a surdina em sua voz estentórea quando se trata de verberar neste planalto central a estupidez vigente, alastrada nos meios de comunicação escrita, oral ou visual, naquilo que ele apropriadamente chama de "comunicólogos de carteirinha", confirmando a ironia que eu ouvi de Villa-Lobos nos distantes anos cinqüentas, quando lhe impingiram um diploma *honoris causa*. Para a platéia atenta o grande compositor afirmou que aquele canudo em nada viria alterar o músico, já que ele nunca se acomodara em ver o mundo pelo oco de um cilindro. Atitudes iguais caracterizaram por certo, mantendo-o vivo, o ás dos "jeunes gens de Catacazes", pois calcado na sucinta mensagem poética que Blaise Cendrars lhes enviou (Revista nº 3) eu poderia dizer a esta altura, sem arrepiio das etimologias, que o Rosário Fusco veio para conciliar os contrários do seu nome, na exatidão clarimúltipla da rosa conjurando os escuros

perigosos desse caos que nos ameaça. Neste sentido, será a própria consubstanciação dos propósitos da "Verde". Precisamente, a mera recordação do magistério exercido há meio século com os seus artigos servenos de consolo e alimenta a esperança. Jamais rendeu-se ao capital maligno nem ao abuso totalitário, antes domou a torrente da codícia e dos dogmas cujo curso faz a nuca inclinar-se às traições da palavra. Consubstancial da revista, a parceira convivente, porque naqueles breves números quanto se pode coletivamente respigar o escritor maduro veio mais tarde a distribuir singularmente: propósitos de abraçar o Brasil; certeza de que é besteira combater os outros; romper o matagal com seu próprio machado; perseguir a emoção espontânea e pura de cada um; nada de partidos; escrever para público inexistente, na certeza de que um dia ele virá. E, tudo, o fez com sensibilidade estranhíssima e as raízes "afirmadas no seio moreno da terra brasileira", conforme certamente escreveu dos seus primeiros versos o companheiro Henrique de Resende. Se o fato de ser Cataguases "vítima da pena de muitas penas" ou, no recado de José Américo, ter a cidade pequena "raiva de quem fica maior do que ela dentro dela", pela "Verde" ou por Rosário Fusco, pelos "ases" todos ou por cada um (sujeito e objeto) que eu vejo relacionar-se a Cataguases, existe lá incluindo-se a própria animadversão dos naturais um imã total que, na atração ou na repulsão, é figura ou imagem da nossa mesma realidade conjugada à gigantesca respiração do

país. O sopro rosariano ultrapassa as barreiras do sombrio e recende a Brasil, esta nação maltratada esperando o mundo. Vá lá, depois do resfriado cartorial, rota a máscara fascista diluída nas mil e uma formas de um escravismo corporativista, a falsa elite, amarração, redução ou canudo.

Na evocação do autor, o que me leva ao testemunho há de ser este seu íntimo compromisso com a inteligência e a matéria de toda indagação, um ser liberto da regra decretada, o que pergunta pelo que ainda não sabe e afirma o que já viu, o arraigado capaz do vôo. Com certeza tal virtude assinala também o lugar de Cataguases na cultura nacional e identifica sua comunidade na consciência crítica exercida pela sua cidadania: ao contestarem a cidade, se lhe confere paralelamente o poder germinativo de crescer os fundamentos de sua dialética permanência. Muito embora em si mesma lhe neguem a transformação, ela existe nos fatos em projeção ampliada. Desdobro: o desgosto analítico pelo objeto visado vale a nova experiência, e aqui está uma prova de que, apesar de tudo, algo existe naquela cidade - mistério ou magia, consciência, afeição, polaridade, energia? - que faz dela, em seu limite geográfico, um olho cósmico ou pupila histórica aptos a desvelar ou suprir carências de todos nós brasileiros, munícipes de alheios rincões, iluminando as razões de um processo sociopolítico ou de uma indiscutível cultura.

Rosário Fusco permanece nesse contexto maior ou uma pessoal referência. E repito: está fazendo falta, grande falta, na bibliografia nacional.